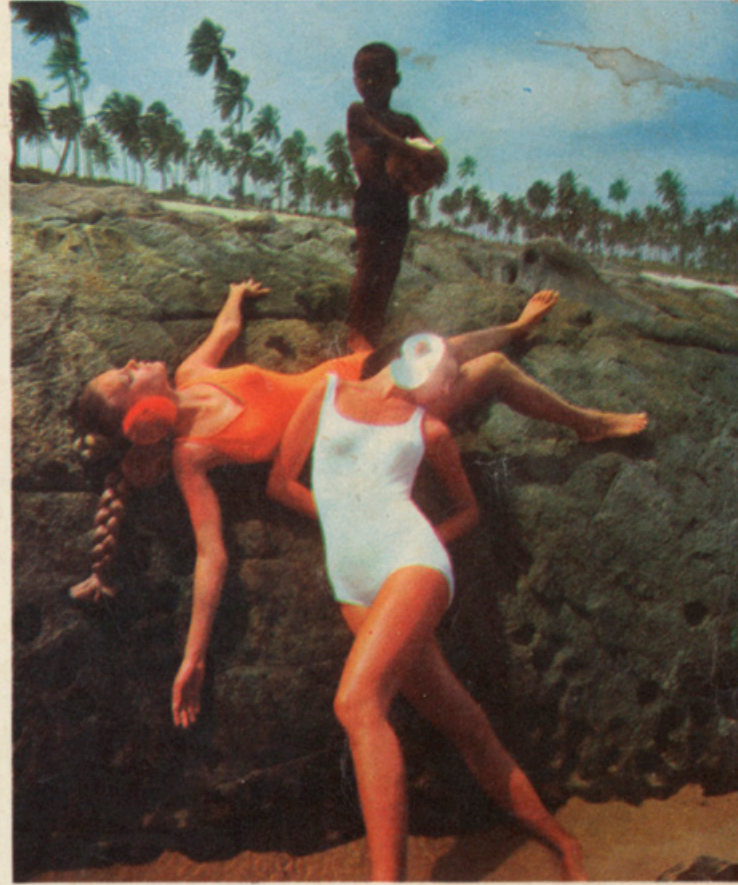


Jóia

NÚMERO ESPECIAL: O QUE HÁ DE NÔVO?



MODA: os longos • CASA: na praia • MAIÔS: côr muda



DANÇA: roupa influi • FÉRIAS: a busca alegre do mar

Ele faz o samba voltar às suas fontes, como o Noel da Vila de velhos



"O que eu objetivava era ver a minha música difundida por toda a cidade, propagada pelas mais diferentes vozes, florescendo dos assovios anônimos, dos pianos do bairro, das vitrolas. Imaginava o meu prestígio quando as minhas produções obtivessem essa projeção. Eu entraria nas festas, e as meninas me apontariam: "Aquê é o Noel!" No bonde, alguém, do banco de trás, diria: "Olha o Noel!" (Confissões de Noel Rosa)

sobrados. Em um ano tornou-se famoso, mas não perdeu a amargura:

O CHICO É UM TRISTE



Uma semana antes do encerramento do Festival da Música Popular Brasileira, em São Paulo, Chico Buarque de Holanda decidiu fugir. Foi para a Bahia, queria ver se passava quatro ou cinco dias sem ser reconhecido, para poder descansar. "Se eu pudesse — disse então ao repórter Walter Firmo, de Manchete —, colocaria uma barba postiça para que ninguém me reconhecesse." Com 23 anos, Chico Buarque de Holanda é um ídolo nacional. Cada música

que faz tem êxito garantido de vendagem de discos e de execução em emissoras de rádio e tevê. Os melhores críticos comparam-no a Noel, por todos considerado como o maior compositor popular de todos os tempos. Mas Chico Buarque é um triste, um introspectivo. Revela êsse temperamento nas composições. Tem medo da glória. Procura a evasão para não escutar a frase que Noel Rosa esperava ouvir nas festas, na rua, no bonde: Aquê é o Chico!

Desde a explosão de **A Banda**, em outubro do ano passado, esse garoto que em junho completou 23 anos é o mais festejado dos compositores brasileiros. Nenhum outro conseguiu ofuscar-lhe a glória. Roberto Carlos bateu novos recordes com **A Namoradina de um Amigo Meu**, Zé Kéti venceu o carnaval com a discutidíssima **Máscara Negra**, Antônio Carlos Jobim conquistou Frank Sinatra, os Estados Unidos e o mundo com as suas composições, Edu Lôbo, Gilberto Gil, Sidnei Miller e muitos outros lançaram novas músicas, mas nenhum deles conseguiu suplantar Chico na afeição do povo. Para o industrial e o operário, a dona de casa e a universitária, o velho e o menino de oito anos, a novidade na música popular brasileira continua a ser Chico. O próprio Tom Jobim firmou o atestado de consagração de Chico. Ao ser cumprimentado, um dia, com a expressão habitual ("o que há de novo?"), o criador de **Garôta de Ipanema** respondeu com quatro palavras: — Chico Buarque de Holanda.

A Banda sacudiu o Brasil. Na festa de Nossa Senhora da Conceição, do ano passado, o vigário da Igreja do Cristo Trabalhador, no Engenho Novo, na Guanabara, apresentou duas novidades: a execução da Ave-Maria de Gounod em ritmo de iê-iê por um conjunto de cabeludos e da música de Chico pela Banda da Polícia Militar do Estado. Em Minas Gerais, uma organização católica, a Juventude Unida dos Santos Anjos da Guarda, começou a preparar letras de espírito litúrgico para cantá-las ao som da **Banda**, como forma de "levar os mais velhos à Igreja". No Recife, ao abrir seu programa dominical **Sementes da Meditação**, numa emissora de televisão, o Arcebispo D. Hélder Câmara inspirou-se na marchinha para a sua pregação: — Eu diria, como na letra da música, que até os surdos devem ir ver a banda passar. Já que não podem ouvir, pelo menos verão a alegria de todos, e decerto vão também se alegrar.

Chico Buarque entrou no ano de 1967 na esteira do sucesso. Seu samba **Olê Olá** foi apontado como a **Música do Ano** de 1966 pela Rádio Jornal do Brasil, que fez a escolha dentre sete composições, três das quais de Chico: **Olê Olá**, **Pedro Pedreiro** e **A Banda**. Durante todo este ano, éle figura nas paradas de sucesso com várias peças, como **Quem te Viu, Quem te Vê**; **Noite dos Mascarados**; **Com Açúcar, Com Afeto**. No programa **Esta Noite se Improvisa**, realizado por uma emissora de televisão de São Paulo e retransmitido em vídeo-tape na Guanabara, o público torce ruidosamente por sua vitória, revelando um carinho excepcional pelo garoto de olhos verdes. No programa, em que os artistas têm 15 segundos para se lembrar de uma música que tenha determinada palavra, sorteada na hora, Chico dá repetidas demonstrações de profundo conhecimento do repertório da música popular, sobretudo o tradicional, velhos sambas e marchas. A popularidade não mudou o modo de ser do jovem que desistiu de ser arquiteto para se tornar apenas compositor. Éle continua o mesmo rapaz que procura dissimular a timidez com o sorriso espontâneo, natural. Éle nega que seja tímido: "Sou mesmo é preguiçoso. Preguiçoso até para pensar. Imagine então ter que conversar, responder perguntas, fazer frases."

Foi a timidez, denunciada nessa confissão, que fez Chico desaparecer do primeiro plano por alguns dias. É o medo de que, na rua ou no estúdio de televisão, no campo de futebol ou no cinema, alguém desperte a curiosidade do povo com a frase:

— Aquêlé é o Chico!

As cantigas de roda tiveram influência em sua obra

Chico rompeu, em 1964, com a perspectiva de vida traçada pela família, ao trancar a matrícula na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, onde cursava o terceiro ano. O pai tinha gosto em vê-lo arquiteto. É éle o sociólogo e historiador Sérgio Buarque de

quando começou a se apaixonar pela bossa nova, que então iniciava a caminhada para a conquista de uma influência marcante na música popular brasileira. Éle ouvia os discos de João Gilberto, responsável pela batida de violão que caracterizaria a bossa nova, trancava-se no quarto e começava a dedilhar o pinho, procurando imitar o cantor — sem prever que este, mais tarde, se tornaria seu cunhado, pelo casamento com sua irmã Heloísa Maria. Alheio a tudo, Chico ficava horas e horas a repetir as tentativas de reproduzir a batida de João Gilberto.

No depoimento que prestou para o Museu da Imagem e do Som da Guanabara — onde, com apenas 22 anos, deixou gravado em fita o seu perfil para a posteridade —, Chico revelou que as cantigas de roda e



Vinícius de Moraes quase matou Chico Buarque de Holanda. Foi há muito tempo, quando Chico tinha apenas dois anos. Vinícius era um dos freqüentadores dos serões culturais do pai de Chico, o Professor Sérgio Buarque de Holanda, cuja casa não tinha portas: vivia aberta para os intelectuais. Enquanto os mais velhos conversavam e discutiam, os filhos do professor — são sete ao todo — brincavam pela casa, escondiam-se entre as pernas dos convidados, queriam também fazer sala às visitas. Um dia, o pequeno Chico tomou o lugar de Vinícius no sofá. O poeta se levantara, estava de costas, não viu o menino ocupar o seu posto. Ao se sentar de novo, só não esmagou o garoto porque logo lhe chamaram a atenção. Mais de quinze anos depois, o mesmo Vinícius ouvia as primeiras composições de Chico Buarque, então desconhecido do público. Foi o poeta quem fez o maior elogio ao compositor de hoje e que éle segurou no colo quando criança: — Chico é quase um neto ou bisneto de Pixinguinha, sobrinho de Noel Rosa.

Holanda, coordenador e um dos principais autores de uma alentada obra, a **História Geral da Civilização Brasileira**. Sérgio Buarque é definido como um sábio por Manuel Bandeira. Fala várias línguas, tem uma cultura enciclopédica. Quando Chico se tornou uma das primeiras personalidades da vida brasileira, o velho Sérgio estava nos Estados Unidos, onde se surpreendeu com a alteração na vida do filho e na dêle próprio: de estudioso notável passara a ser apenas "o pai de Chico Buarque". O êxito do filho naturalmente envidou o historiador famoso. É Chico quem revela: — Apesar de ser considerado pessoa muito austera, meu pai se interessa muito pelo que faço. O encontro de Chico Buarque com o músico que havia nêle deu-se aos 15 anos,

as marchinhas de São João foram as suas primeiras influências musicais. Depois, seduziu-se pelas músicas de Noel Rosa e Ataulfo Alves, sobretudo do primeiro. Aos oito anos, já fazia "musiquinhas, especialmente marchinhas de carnaval, tudo a título de brincadeira". A irmã Heloísa Maria é que o aproximou da música, pois já tocava um pouco de violão. Através dela, Chico descobriu o violão de João Gilberto. Ainda sob a impressão causada pela bossa nova, Chico ousou fazer a primeira música fora de casa e da roda dos amigos mais íntimos. Seu parceiro foi um rapaz chamado Olivier, que hoje é baterista. A inspiração foi buscada em Ataulfo Alves. Chico e Olivier dispensaram o violão: usaram apenas o ritmo, a batucada. O namôro

com a bossa nova durou pouco. É Chico quem conta:

— Percebi que a bossa nova não fazia **canções narrativas**, à maneira dos velhos e hoje clássicos compositores brasileiros como Noel Rosa, Caími e Ismael Silva. Notei que essas canções, contando uma história, continuam a ser exploradas, mesmo nesta época de iê-iê, pelos músicos de muitos países, principalmente na França.

Chico era criança quando conheceu Vinícius de Moraes. Em 1952 sua família foi morar em Roma, onde permaneceu dois anos, e ali um dos freqüentadores da casa era Vinícius, que então, como diplomata de carreira, trabalhava na Embaixada do Brasil. Dez anos depois, um tio levou-o à Casa de Saúde São Vicente, na Gávea,



Nara Leão teve um papel importante na vida de Chico Buarque de Holanda. Ela foi a musa da bossa nova, mas um dia se cansou e saiu à procura de músicas que falassem a linguagem do povo, o samba. Nara descobriu então compositores do valor de Nelson Cavaquinho, Cartola, Zé Kéti, Paulinho da Viola. O mesmo filão levou-a a Chico Buarque de Holanda, que nela encontrou tanto a intérprete admirável como o grande instrumento de difusão de suas músicas, como **Pedro Pedreiro** e **Olê Olá**. Coube a Nara apresentar a **Banda**, no Festival da Música Brasileira do ano passado. Foi um acontecimento importante para Chico, que desde então se mantém em cartaz, e para a própria Nara. Ela confessou depois: "Até bem pouco tempo todo mundo me considerava uma cantora de elite. Depois da **Banda** comecei a compreender melhor o que é um cantor. Crianças, velhos, empregadas domésticas e gente da altíssima me param na rua, me abraçam, falam comigo. Depois da **Banda** comecei uma outra vida. É como se agora estivesse amando melhor.

onde o poeta fazia uma de suas costumeiras temporadas de repouso. Constrangido, apenas para atender à insistência do tio, Chico cantou duas músicas para Vinícius, que gostou e o incentivou, mas logo o esqueceu. Uma das músicas era **Sonho de um Carnaval**:
Carnaval, desengano
Deixei a dor em casa me esperando
E brinquei e gritei e fui vestido de rei
Quarta-feira sempre desce o pano.
Carnaval, desengano.
Essa morena me deixou sonhando
Mão na mão, pé no chão
E hoje nem lembra não
Quarta-feira sempre desce o pano.

Chico só não desistiu de fazer música graças a um parceiro de Vinícius, o violão

nista e compositor Baden Powell. Baden chegara de São Paulo, visitara Vinícius, os dois cantaram um samba que haviam feito. Chico mostrou **Sonho de um Carnaval** ao violonista, que gostou de seu samba. Foi um marco na vida do garoto carioca de Laranjeiras e criado em São Paulo: — Ai o Baden começou a falar em **Sonho de um Carnaval** e todo mundo começou a apoiá-lo. Sem saber, Baden prestava um grande serviço à música brasileira.

Um parentesco através dos versos e da melodia

Chico Buarque não esconde a sua admiração por Noel Rosa, e é certamente de Noel a influência mais sensível em sua

tura da melodia. As músicas de Noel tinham uma vinculação direta com as origens mais puras do samba, com os **partidos-altos** dos terreiros de morro e **subúrbios** onde surgiram as primeiras escolas de samba. É uma forma de manifestação musical em que a roda canta um estribilho e os sambistas improvisam versos, à medida que se repete o refrão-base. Em Noel esta forma de estruturação da música é constante. Suas músicas mais conhecidas têm essa construção. Em **Com que Roupa?**, **Palpite Infeliz**, **Onde Está a Honestidade?** e uma série de outras, Noel repete uma idéia-chave e em torno dela faz variações. Em **Com que Roupa?**, por exemplo, éle pergunta: "Com que roupa eu vou / ao samba que você me convidou" e, após repetir esse mote, vai encaixando as glosas: "Seu português agora deu o fora / Já foi-se embora / E levou seu capital / Abandonou quem tanto amou outra / Foi no Adamastor pra Portugal / Pra se casar com uma cachopa / E agora com que roupa?..."

Em Chico Buarque observa-se o mesmo fenômeno. Em **A Banda**, o núcleo de unidade da marcha é dado pelos versos: "Estava à toa na vida / O meu amor me chamou / Pra ver a banda passar / Cantando coisas de amor." Ou por uma parte dêles, os dois finais: "Pra ver a banda passar / Cantando coisas de amor." Em **Olê Olá**, pela repetição de um verso no início de cada estrofe ("Não chore ainda não...") e de uma série dêles: "Olê olê olê olá / Tem samba de sobra / Quem sabe sambar / Que entre na roda / Que mostre a gingada / Mas muito cuidado / Não vale chorar."

A mesma característica está presente em outras peças de Chico Buarque: **Madalena Foi Pro Mar**, **Meu Refrão**, **Sonho de um Carnaval** (onde a chave é o verso "Carnaval, desengano"), **Você Não Ouviu**, **Pedro Pedreiro** e, do segundo long-play de Chico, **Noite dos Mascarados**, **Quem te Viu**, **Quem te Vê**.

O traço da formação literária mais requintada

Aquela forma de **canções narrativas** foi encontrada por Chico Buarque principalmente em Noel Rosa. O exemplo clássico desse tipo de composição em Noel é **Quando o Samba Acabou**, em que éle conta com pungência, nos versos e na melodia, a luta pelo amor de Rosinha, "cabrocha de alta linha", por dois malandros. Estes a disputam em versos, de improviso, "mas como em tôda a façanha / sempre um perde e outro ganha, / um dos dois parou de ver-sejar." Noel dá à história a grandeza de uma tragédia: "Quando o sol raiou foi encontrado / na ribanceira estirado, / com um punhal no coração. / Lá no morro uma luz somente havia / Foi o sol, quando o samba acabou... / De noite não houve lua... / Ninguém sambou."

Chico faz o mesmo exercício de narração em várias de suas músicas. Em **Pedro Pedreiro**, excede Noel, pelas idéias apenas sugeridas, o brilho de uma formação literária mais requintada, de um leitor de Kafka e Carlos Drummond de Andrade, de Dostoiévski e Guimarães Rosa. No primeiro verso, qual Guimarães Rosa, Chico Buarque inventa uma palavra ("Pedro Pedreiro, **pensiero**, esperando o trem"), porque **pensador** ou **pensativo** não daria

à idéia a força que êle desejava. Ao longo do poema, Chico emprega 45 vezes o verbo esperar, no presente do indicativo, no infinito e sobretudo no gerúndio. Através desse recurso, que trai o refinamento de um leitor de Carlos Drummond, êle oferece uma visão angustiante da vida escassa de horizontes do Pedro pedreiro: "Esperando, esperando, esperando / Esperando o sol / Esperando o trem / Esperando o aumento para o mês que vem / Esperando a festa / Esperando a sorte / E a mulher de Pedro / Está esperando um filho / Pra esperar também..."

Com **Pedro Pedreiro**, Chico Buarque tomou um tema muito ao gosto de Noel, que trinta anos descrevera o drama de "João Ninguém / Quem não é velho nem môço / Come bastante no almôço / Pra se esquecer do jantar." Foi talvez pensando em Noel que Chico fez **Pedro Pedreiro**. É êle mesmo quem revela: — Eu queria contar a história de um João-ninguém que é, no entanto, um ser humano, alguém que vive, chora, ama e espera. Principalmente espera. Foi assim que nasceu **Pedro Pedreiro**. Essa preocupação de Chico com o humano, presente em outras de suas músicas, levou o pensador católico Tristão de Ataíde a render homenagens ao jovem que podia ser seu neto. Para Tristão, na música de Chico "há uma participação real com o sofrimento humano e com os dramas sociais". O entusiasmo por Chico leva o filósofo ao panfleto: — Sua **Banda** não é só um divertimento, um ver passar os músicos, uma nostalgia da infância perdida ou dos amôres mal correspondidos. Sua música é realmente popular no sentido de que reflete tanto as alegrias e as tristezas do cotidiano como os crimes profundos que se cometem contra os indefesos, neste mundo de lóbos esfaimados e de hienas insofridas.

É igualmente de Tristão de Ataíde êste registro: — A música de Chico Buarque tem realmente uma ressonância popular autêntica. Não é feita. É nascida. Não é de hoje. É de sempre.

"Correndo atrás da poesia, espero pelos meus 25 anos"

Na introdução que fez para o volume **A Banda** (Editôra Paulo de Azevedo, Rio, 1966), no qual estão reproduzidos manuscritos de suas músicas, Chico Buarque diz: "Correndo atrás da poesia, espero pelos meus 25 anos." É um artista com 23 anos de "seiva e juventude". De onde vem então essa tristeza de seus versos, as notas doridas de suas músicas? Mesmo nas composições leves, nas músicas com "a garrulice de outrora" de que fala Edison Carneiro, Chico Buarque é um triste. Os exemplos:

— em **Rita**: "A Rita levou meu sorriso/No sorriso dela/Meu assunto/Levou junto com ela/E o que me é de direito/Arrancou-me do peito/E tem mais!/Levou seu retrato, seu trapo, seu prato/Que papel!/Uma imagem de São Francisco/E um bom disco de Noel.../Levou os meus planos/Os meus vinte anos/O meu coração/E além de tudo/Me deixou mudo/Um violão."

— em **Você Não Ouviu**: "Você não ouviu/O samba que eu lhe trouxe/Ai, eu lhe trouxe rosas,/Ai eu lhe trouxe um doce/As rosas vão murchando/E o que era doce acabou-se/.../A sua dança vai durar en-

quanto/Você tem encanto/E não tem solidão/No fim da festa há de escutar meu canto/E vir correndo em pranto/Me pedir perdão (ou não?)..."

— em **Madalena Foi pro Mar**: "Madalena foi pro mar/E eu fiquei a ver navios/Madalena foi pro mar/E eu fiquei a ver navios/Quem com ela se encontrar/Diga lá no alto mar/Que é preciso voltar já/Pra cuidar dos nossos filhos/Que é preciso não chorar/Maldizer não vale a pena/Jesus manda perdoar/A mulher que é Madalena..."

— em **Olê, Olá**: "Tem samba de sobra/Ninguém quer sambar/Não há mais quem cante/Nem há mais lugar/O sol chegou antes/Do samba chegar/Quem passa nem liga/Já vai trabalhar/E você, minha amiga,/Já pode chorar."

Em Noel há explicação para a tristeza. Sua produção tem duas fases distintas. Uma é marcada pela verve com que pintou os tipos e as coisas de sua cidade — o subúrbio, o botequim, o guarda, o açougueiro, o cachorro, o prestamista. A outra fase, apenas aqui e ali intercalada de composições alegres, tem o acento de tristeza dos amô-

quatro décadas atrás. Mas a tristeza não o abandona: "Ai, o meu amor, a sua dor, a nossa vida/Já não cabem na batida do meu pobre cavaquinho/Quem me dera pelo menos um momento/Juntar todo sofrimento/Pra botar nesse chorinho/Ai, quem me dera ter um choro de alto porte/Pra cantar co'a voz bem forte/E anunciar a luz do dia/Mas quem sou eu/ Pra cantar alto assim na praça/Se vem dia, dia passa/E a praça fica mais vazia."

Na segunda parte, o môço de 23 anos é mais triste ainda: "Vem, morena/Não me despreza mais não/Meu choro é coisa pequena/Mas roubado a duras penas/Do coração/Meu chorinho não é uma solução/ Enquanto eu cantar sozinho/Quem cruzar o meu caminho/Não pára não/Mas eu insisto/Quem quiser que me comprênda/ Até que alguma luz acenda/Êsse meu canto continua/Junto o meu canto a cada pranto/A cada choro/Até que alguém me faça choro/Pra cantar na rua."

Para êle "tem mais samba no peito de quem chora"

Com tôda esta tristeza, Chico Buarque de Holanda encontrou o caminho da comunicação com o povo, a preocupação que torturava Noel Rosa. Em suas "confissões", escritas do próprio punho e transcritas por Lúcio Rangel em **Sambistas e Chorões**, dizia Noel que "não sonhava com a ópera: "Querida mesmo a música popular, ou seja, a música do povo inteiro, música generosa, música acessível a todos, que a todos embriaga, que vai de alma em alma, comunicando uma mesma e religiosa emoção." Chico conseguiu isto. É Vinícius quem salienta o milagre realizado por Chico Buarque: — Êle é um fenômeno que alcança justamente aquilo que nós, do movimento da bossa nova, vínhamos tentando há longo tempo: a união verdadeira da cultura com o povo, embora êle não goste que se diga, é patente sua semelhança com a temática do samba urbano, tão característica de Noel Rosa e Orestes Barbosa.

— Muita gente acha a música de Chico pobre do ponto de vista da estrutura da melodia — afirma ainda Vinícius de Moraes, explicando: — Não vejo isso não. Acho que sua música serve muito bem ao objetivo que êle deseja alcançar, por meio da simplicidade, que não implica pobreza, pois exatamente essa simplicidade garante a comunicação de compositor com o seu público e a compreensão clara de sua mensagem poética.

Chico Buarque nega que sua música seja "participante", mas confessa que ela não está desligada da vida: — Música popular é de todo mundo, só pode falar das coisas que acontecem, que estão embaixo dos olhos da gente. Isso não é engajamento, é ter olhos para ver e coração para sentir. Só isso... A gente participa é da vida, isto é o essencial. Da tristeza de sua música e de seus versos, não obstante, levanta-se um canto de esperança:

Tem mais samba no homem que trabalha
Tem mais samba no som que vem da rua
Tem mais samba no peito de quem chora
Tem mais samba no pranto de quem vê
Que o bom samba não tem lugar nem hora

.....
Se todo mundo sambasse
Seria tão fácil viver. Δ

Até mesmo num chorinho brejeiro, leve, com aquela garrulice dos tempos heróicos da música popular, Chico deixa a sua marca: a tristeza

res mal sucedidos e da doença que cedo o roubaria à vida. De uma fase é bem representativo **Conversa de Botequim**, em que o boêmio pede "um pão bem quente manteiga à beça,/um guardanapo/um copo d'água bem gelada", "um cigarro pra espantar mosquitos" e termina recomendando ao gerente "que pendure essa despesa/no cabide ali em frente". Da outra fase é êste canto de dor de **Eu Sei Sofrer**: "Quem é que já sofreu mais do que eu?/ Quem é que já me viu chorar?/Sofrer foi o prazer que Deus me deu/Eu sei sofrer sem reclamar/Quem sofreu mais do que eu/Não nasceu./Com certeza Deus já me esqueceu." Em Chico Buarque a constância é o sofrimento. Mesmo quando faz um chorinho à moda antiga, revelando seu domínio da composição musical, seus dotes de arte-são. Em **Um Chorinho**, incluído em seu segundo elepê, Chico Buarque revela o virtuosismo dos grandes compositores de choro do passado, dos chorões de três e